

mente



Foto de HENRIQUE PATRÍCIO

Somos a maior associação
de crianças e jovens do
país. Porque é que temos
medo de intervir?

união do mente 8

Cristina Quadros

Entre roma e a minha
consciência, primeiro a
minha consciência

fezadamente 27

Jorge Lima

Upa, upa!, vamos lá a dar
mais um bocado de gaz...

mandamente 28

José Alfaiate

solidariamente

Estivemos na Roménia, em
Gradinari, lá, onde o povo agora
é livre... de fazer nada, e onde,
como todos sabem, há 130 000
crianças "deficientes" à espera...

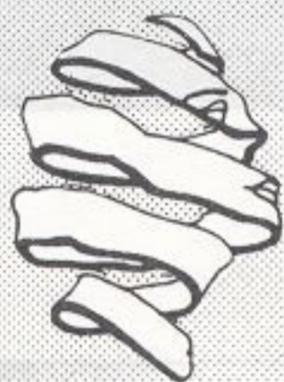
Toni Onofre

progressivamente

Fala-se para aí em novo sistema
de progresso. Já o viram? Eu
também não! Sou chefe de clã e,
se me deixassem gostava de dar
o meu contributo...

A. Cardoso

SUMÁRIO



mente

ANO V - Nº 2 (2ª Série) MAR/ABR 91

No fundo...

QUE CAMINHOS
PARA OS
CAMINHEIROS

Seremos mesmo uma fraternidade?
Como defenir Caminheirismo?
Que ideal para o caminho?
Sistemade Progresso...progredir...
como e para quê?

E que pensa da IVª
secção o seu chefe
de Dep. Nac.?

244 caminheiros res-
pondem a 1 in-
quérito. Que nos
dizem? Quem são?
Que caminheirismo
querem?



FICHA TÉCNICA

Publicação do
movimento de encontro
novas tendências escutistas

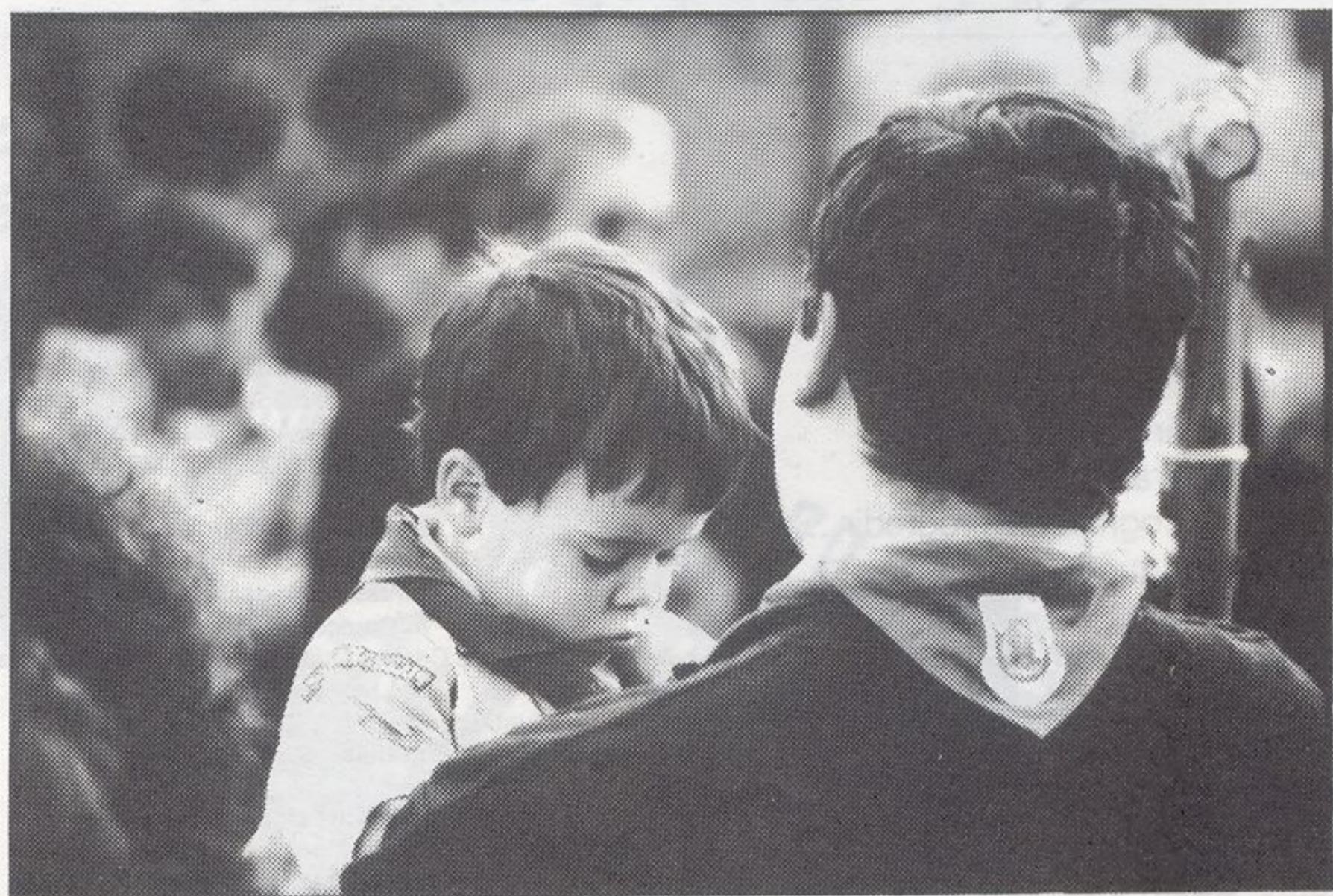
Propriedade
CNE - Instituição de Utilidade Pública-

Agr. 109-Stº António dos Olivais (Coimbra),
235-Figueira da Foz e 358-Sé Nova (Coimbra)

Redacção e Administração
Apartado 3089 - 3000 COIMBRA

Director - João Armando
Chefe de Redacção - Zé Alfaiate
Administração - Isabel Ferreira
Redacção - A. Cardoso, Carlos Sousa Santos, Cila
Rodrigues, Cristina Quadros, José Luís Malaquias,
José Meneses, Miguel Baio
Ilustrações - Carlos Duarte e Cila Rodrigues
Fotografias - C. F. 603 (Antanhol)

Edição electrónica - Nuno Branco
Maquetização e Montagem - Joaquim Felício
Impressão - Tipografia Lousanense - Lousã
Depósito Legal - 7794/87 Tiragem - 1000 ex.
Registo de Publicações Periódicas nº 112912
Assinatura (anual - 6 números) - 600\$00



Poderá parecer estranho para quem nos foi acompanhando ao longo destes últimos anos, e que nos foi vendo como um grupo de contra-poder, de tomadas de posições críticas às estruturas representativas do C.N.E. verem o MENTE envolvido na organização de um Encontro Nacional de Caminheiros.

Poderão perguntar se o MENTE se juntou ao poder e deixou de fazer crítica, ou se o MENTE deixou de ser uma busca constante de nova tendência e se aliou a uma tendência já existente (pois parece que começam a haver várias no C.N.E....)

O MENTE como Movimento de Encontro de Novas Tendências Escutistas sempre se bateu pelos caminheiros e pela existência do caminheirismo - aliás são estes uma base importante dos nossos leitores. Desde 1985 que o MENTE, como sendo parte integrante de três agrupamentos, vem aplicando a proposta educativa para a IVª Secção, nascida em Braga na anterior Junta Central, e com bons resultados.

Então, se pensamos que deve ser dado um espaço ao caminheiro para que este possa viver em clã, se acreditamos nesta proposta educativa que, por várias razões, estranhas à vontade de todos, assim o julgamos, saiu tardiamente não sendo por isso divulgada suficientemente se acreditamos no ideal do caminheiro, não poderíamos ficar alheios e deixar de apoiar esta iniciativa.

Não perdemos a nossa independência nem a nossa capacidade de crítica. Não poderíamos era deixar de ficar ao lado do caminheiro e, apoiando-o, dar-lhe força para que a renovação de mentalidades seja o mais alargado possível.

Há revolução no adro.

Estão mexendo no meu progresso! Em Lisboa, cozinha-se um novo Sistema. Em Chão-de-Couce, meia-dúzia de gatos-pingados cheios de sono e vontade de despachar (a avaliar pelo que diz o Ch. do Dep Nac da IVª no último "Mente"), a quem pomposamente

se insiste em chamar "os crâneos do CNE" (a avaliar pelos que conheço estamos bem servidos...), subscrevem e recomendam o mesmo, alheios às alternativas, certamente bem-intencionadas mas que lhes iam estragar o trabalhinho. Eu, como chefe de clã, bem como os meus caminheiros, gostaríamos de nos pronunciar. O mesmo se pode dizer do resto da Região. O problema é que nunca pus a vista em cima do Novo Sistema de Progresso. Assim não posso contribuir para o progresso do Sistema. Depois queixem-se de ainda não ter secado a tinta deste e já estarmos a pedir outro...

Vai haver molho no Encontro Nacional de Caminheiros, ai vai, vai!

Enquanto não consigo uma cópia da proposta (nem as cunhas me valem, aquilo deve ser mesmo mau!), só me resta uma solução: analisar o progresso dos outros. E como lá por casa só havia a dos F.S.C. belgas (Fédération des Scouts Catholiques), aí vai ela. Talvez alguém a use como base do Novo Novo Sistema de Progresso...

Antes de mais, apresento o livro que consultei. Trata-se do "Des Jeunes en Route", da F.S.C., espécie de manual para os caminheiros belgas e para quem com eles trabalha. "Jeunes en Route" (JER) é o nome que os caminheiros belgas têm actualmente, após

a reestruturação do movimento. O livro está dividido em 3 partes:

- o testemunho de uma equipa JER, desde a sua formação até à integração dos seus elementos na vida adulta.

- um glossário da metodologia JER

- elementos de pedagogia para adultos

É no glossário que encontramos a estrutura das actividades e do Progresso dos JER.

As actividades são em tudo semelhantes às nossas caminhadas, com excepção de uma coisa: os temas das "caminhadas" JER são escolhidos de entre um universo fixo de sete temas, correspondentes às sete áreas de progresso. Para cada uma destas áreas são dadas alguns

exemplos bastante interessantes de actividades possíveis. Talvez as publiquemos um dia, como início de uma "Lista Nacional de Ideias para Actividades" (bem falta me fazia às vezes).

Quanto ao progresso, ele tem duas vertentes: o progresso individual e o da equipa, sendo idêntico para ambos, tanto na forma como na avaliação. Corta radicalmente com o sistema de insígnias (que sancionavam a aquisição definitiva de uma competência), respeitando a diversidade de campos de actuação possíveis e de meios escolhidos por cada equipa para cada área. Em cada ano são feitas 3 grelhas de avaliação do progresso idênticas: uma pessoal, uma das equipas e uma para a equipa avaliar as autoavaliações pessoais.

O progresso é feito em sete áreas fixas: Fé, Qualidade de Vida, Mundo do Ensino, Mundo do Trabalho, Política (inserção comunal), Desenvolvimento e Informação, todas entendidas em sentido lato. Cada uma des-

Eu, como chefe de clã, bem como os meus caminheiros, gostaríamos de nos pronunciar. O problema é que nunca pus a vista em cima do Novo Sistema de Progresso

tas áreas vai ser avaliada várias vezes ao longo do ano, ao fim de períodos escolhidos pelos elementos (p. ex: trimestralmente, ou após cada caminhada, ou após três grandes actividades, etc).

Há três graus de abordagem de cada área, sucessivamente mais profundos:

- Informação = recolher informações num domínio, sobre um assunto, uma realidade. Descobrir pessoas e situações; deixar-se interpelar por elas. Reflectir. Encontrar.

- Compromisso = depois de sensibilizado, informado, comprometer-se, agir, realizar, inserir-se concretamente numa realidade a par com os outros. Partilhar a responsabilidade do êxito ou fracasso de uma acção comum.

- Animação = tomando cada vez mais responsabilidade, comprometer-se como animador de parte ou da totalidade da actividade, desde a sua preparação até à avaliação. Tomar a iniciativa de organizar, possibilitar aos outros

informar-se e comprometer-se.

Vai-se então avaliar a forma como se abordou cada área, nos três graus possíveis para cada, num dado momento. Essa avaliação é feita numa escala de 1 a 5 e a ela não corresponde qualquer grau ou insígnia. Cada JER, no fim de cada período de actividade, vai fazer a sua autoavaliação; paralelamente, a equipa avalia-se a si e às autoavaliações.

Uma grelha de avaliação é específica para cada ano, não tendo continuação cumulativa no ano seguinte. Recomenda-se apenas que em cada ano se procure incentivar o progresso nas áreas pior pontuadas no ano anterior.

Para melhor compreensão, dou a seguir um exemplo. Imaginemos uma equipa JER, que resolveu dividir o seu ano em quatro períodos: Outubro-Dezembro, Janeiro-Março, Abril-Junho e actividade do Verão, e que até Março fez as seguintes actividades:

Novembro - visita do jornal local; contacto com os trabal-

hadores, trabalho de jornalista durante algum tempo; análise de melhoramentos possíveis de fazer no local do trabalho; execução de audio-visual.

Dezembro - orientação de um retiro para jovens

Janeiro - mostra audio-visual sobre o jornalismo

Março - recolha de moradas de instituições de ajuda a crianças; contactos para saber como ajudá-las.

A grelha de avaliação desta equipa, no fim do 2º período, poderia ser a que acompanha o texto.

E é assim o progresso dos caminheiros belgas. Um pouco complicado, talvez, com tanta área (sete!). Mas tem a imprescindível vantagem de ser extremamente maleável, permitindo aplicá-lo de uma forma personalizada, do modo que parecer mais adequado, sem "provas" pré-concebidas, indispensáveis para guiar o explorador mas um verdadeiro atestado de minoridade para o caminheiro.

Area Período Pontuação Grau	Area																												
	Fé				Qualidade de vida				Mundo do Ensino				Mundo do Trabalho				Política				Desenvolvimento				Informação				
	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º	
Informação	1																												
	2																												
	3																												
	4																												
	5																												
Compromisso	1																												
	2																												
	3																												
	4																												
	5																												
Animação	1																												
	2																												
	3																												
	4																												
	5																												

ROMÉLIA - CAMIN SPITAL DE GRADINARI

22 de Abril de 1991.

Finalmente a caminho. Direcção Bucareste. Mais precisamente uma pequena vila a cerca de 30 Km da capital romena, Gradinari.

Os quilómetros passam. À medida que as imagens vão sendo assimiladas, vamo-nos apercebendo da realidade actual romena. Casas velhas de madeira e colmo, onde galinhas e seres humanos partilham o mesmo espaço. Os "putos" da rua, sujos e rotos, brincam com aquilo que têm, bolas de trapo... quando não formam as matilhas que vagueiam pela cidade, da estação de caminho de ferro ao metro de Bucareste. Putos de todas as idades, que nos fazem lembrar os "Capitães da Areia" de Jorge Amado.

Água, a partir das 6h às 22h, na capital.

À noite, a cidade dorme, na penumbra, sem luz, porque lá fora só há um candeeiro no início e fim de cada rua.

A história, ainda recente, está por todo o lado. Na praça da universidade, mesmo em frente ao TNB (Teatro Nacional de Bucareste) a memória dos mortos pela revolução é lembrada pelas coroas de flores e "placards" colados nas paredes, com mensagens revolucionárias, lembranças dos que ainda por cá andam. Na Praça da Revolução, perto de onde Ceaucescu fez o último discurso público, vêem-se os edifícios queimados e esburacados do

tiroteio que ninguém sabe quem começou. E é assim por todo o lado, cruces em madeira envoltas na bandeira Romena. Um processo de libertação mais doloroso que outros vividos noutros países da Europa, como Portugal, apesar das semelhanças históricas.

E por detrás desta realidade, há o cidadão comum - esse ainda não acredita na mudança. O sistema não é o mesmo. Fala-se em economia de mercado e o governo vem à televisão, propor o novo aumento de preços.

E por todo o lado o mesmo clima de desconfiança. O sistema mudou, sim. Mas será que a gente mudou? O povo pensa... e diz que quem lá está é quem lá esteve... só que em diferentes lugares!

O povo romeno é culto. Em muitas casas fala-se Francês, mesmo quando não há con-



tacto com qualquer outro tipo de cultura. Das casas de colmo ecoa frequentemente música clássica. O bridge, o xadrez, são tudo exemplos de uma actividade lúdica, feita com os melhores livros da especialidade. Jogam. Mas primeiro aprendem. A curiosidade de conhecer leva-os a absorver tudo o que podem acerca de outros povos.

E do sistema antigo há toda uma estrutura que sobreviveu até aos nossos tempos. Nessa engrenagem alguns foram deixados para trás, e esses são os indesejáveis. Os irrecuperáveis, catalogados por exame médico duvidoso. Os dos "camin spital". Os de Gradi-

nari e outros sítios como este. São 130 000 as crianças que estão nestes centros de irrecuperáveis.

Foram estas mesmas crianças que atraíram os olhares dos "média" ocidentais como os eleitos de uma situação social caótica.

Foi aqui que a nossa viagem terminou, em Gradinari.

Foi a curiosidade de ver como é que aqui nos trouxe. Depois de uma pequena volta pelo local torna-se claro o bom trabalho da Handicap Internacional (HI) que colocou no local pessoal técnico especializado para arrancar com a primeira fase dos trabalhos: tirar estes miúdos das condições sub-humanas em que vivem. depois de estabelecidas as primeiras estruturas, que passam pela alimentação das 150 crianças do centro, aparece uma nova: a do projecto a longo prazo de criação de infraestruturas e programas de formação. Aqui, Franceses e Alemães não estão muito de acordo. Sendo os dois grupos dominantes de ajuda internacional em Gradinari, têm objecti-

vos diferentes. Os Franceses estão em vantagem em face da superestrutura Alemã, que passa pela construção de edifícios de primeira qualidade, um projecto com cerca de 120 camas, e vai aos programas de formação do pessoal romeno.

Com uma realidade política vincada por trás, a ajuda internacional é determinante para que todo o processo continue. A escassez de bens materiais é uma realidade. Se eles não vierem de fora, não é lá que existem. e vão desde o simples batedor de claras ao material médico, como estetoscópios e medicamentos.

Num país onde o mercado negro é oficializado, na televisão, na emissão das 20h, através da cotação do dolar, tudo parece um engano.

O povo agora é livre. Mas é livre de fazer nada.

A ajuda internacional tem algo a dizer. É um meio alternativo de combater a desconfiança e o receio.



PETZL

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

SUBMATE Ida

*TUDO PARA ESCALADA, MONTANHA, ESPELEOLOGIA
ORGANIZAMOS CURSOS DE ESCALADA E ESPELEOLOGIA
PEÇA INFORMAÇÕES POR TELEFONE*

AV. EUA, 48-A • 1700 LISBOA • TEL. 80 37 29

PALAVRAS SOBRE O MOMENTO DA ASSOCIAÇÃO

Da Intervenção...

Somos a maior associação de crianças e jovens deste país. Estamos em quase tudo o que é cidade, vila ou aldeia. Nos "nossos quadros" temos profissionais de todas as áreas.

Somos muitos e quero acreditar que na maioria bons...

Porque é que não assumimos as nossas posições nas questões importantes? Porque é que temos medo de intervir? De quem é que temos medo?



Do ambiente...

Somos a maior associação ecologista do país. Mais uma vez somos muitos.

O que fazemos para proteger o ambiente é não deixar lixo nas matas e não pisar a relva. Os escuteiros que querem ter um papel activo juntam-se à Quercus ou à Liga de Protecção da Natureza.

Os alunos das escolas juntam-se aos professores de Psicologia e fazem um abaixo assinado para não deixar passar uma estrada na Reserva Natural dos Paús de Arzila. Nós... também assinámos.

Quando é que vamos denunciar os abusos naturais que conhecemos (existem escuteiros perto de cada fábrica

poluidora e de cada lixeira usada indevidamente) e impedir que os poucos parques de campismo com árvores com várias dezenas de anos seja como o da Figueira da Foz engolidos pela cidade, transformando-se em torres de apartamentos altamente rentáveis.

Quando é que vamos exigir que os incendiários sejam severamente punidos, fazer campanhas contra os aerossois, proteger os animais em vias de extinção... fazer alguma coisa?

Dos deficientes...

Na última "liz" podemos ver a tradução da Conferência Mundial sobre escutismo com deficientes e os conselhos da equipa pedagógica do Bureau Mundial para a pôr em prática.

Lá, diz que na Equipa Pedagógica Nacional deve haver um responsável pela promoção do escutismo com deficientes, diz que deve haver recursos específicos, que se deve considerar peritos em educação especial etc... Na Holanda existem programas para diminuídos em França existe o programa "Arc en Ciel" e em Espanha o programa Nexus. Em Portugal, mesmo com esta resolução o escutismo com deficientes que se conhece é o que cada dirigente no agrupamento tenta fazer como pode recorrendo apenas ao bom senso e à boa vontade, correndo o risco de cometer erros graves em vez de ajudar.

São mais os escuteiros deficientes (físicos ou intelectuais) do que, à partida podemos pensar.

É urgente reunir esforços e criar um espaço a que os dirigentes possam recorrer para ajudarem o escuteiro deficiente a integrar-se no agrupamento, a fazer as suas provas (que deverão ser adaptadas) a fazer a promessa a que tem direito e por fim, ajudar a sua integração na so-

cidade. Peritos nesta área existem dentro do movimento. Lançemo apelo e eles vão aparecer.

Da droga...

Todos gostaríamos de acreditar que não temos "disto" no C.N.E. mas não podemos. Ela existe, e a prevenção que fazemos (nenhuma) só poderá aumentar.

B.P. dizia "o escuteiro não fuma porque não é parvo". O que é que ele diria hoje se cá estivesse...

No tabaco, a prevenção já não pode ser só primária, não se pode só dizer porque é que não se deve fumar ou apenas proibir. A prevenção tem de ir à ajuda para deixar de fumar (a começar nos dirigentes).

O dirigente que fuma não tem autoridade para dizer aos seus elementos que não devem fumar. Deveria começar por estes. E o facto de o fumar estar dentro da legalidade não deverá abrandar o combate.

Quanto aos outros casos de droga, que pertencem ao domínio da ilegalidade e por isso permanecem na sombra, há um trabalho muito importante a fazer. Dentro e fora do movimento.

Já devíamos ter começado com os programas de prevenção primária - Não é por falarmos nas coisas que elas acontecem. Existem programas nacionais aos quais

Denunciar

Quando é que vamos denunciar os abusos naturais que conhecemos (existem escuteiros perto de cada fábrica poluidora e de cada lixeira usada indevidamente) e impedir que os poucos parques de campismo com árvores com várias dezenas de anos seja como o da Figueira da Foz engolidos pela cidade

Começar

Já devíamos ter começado com os programas de prevenção primária - Não é por falarmos nas coisas que elas acontecem...

Criatividade

pretende-se que a escola seja um lugar de criatividade, dinamismo e relação com a sociedade...

já devíamos ter aderido.

Em termos de prevenção secundária, deveriam ser detectados e acompanhados os escuteiros que escolheram esse caminho e que não conseguem regressar sozinhos. Não vamos virar a cara e fazer de conta que não vimos. Nem tão pouco ter vergonha deles serem dos nossos.

Da Educação...

A maioria dos escuteiros são estudantes. Estão nas escolas primárias, no ensino básico e secundário, no ensino técnico e universitário. Fora os alunos temos professores de todos os níveis escolares, professores do ensino especial e psicológico.

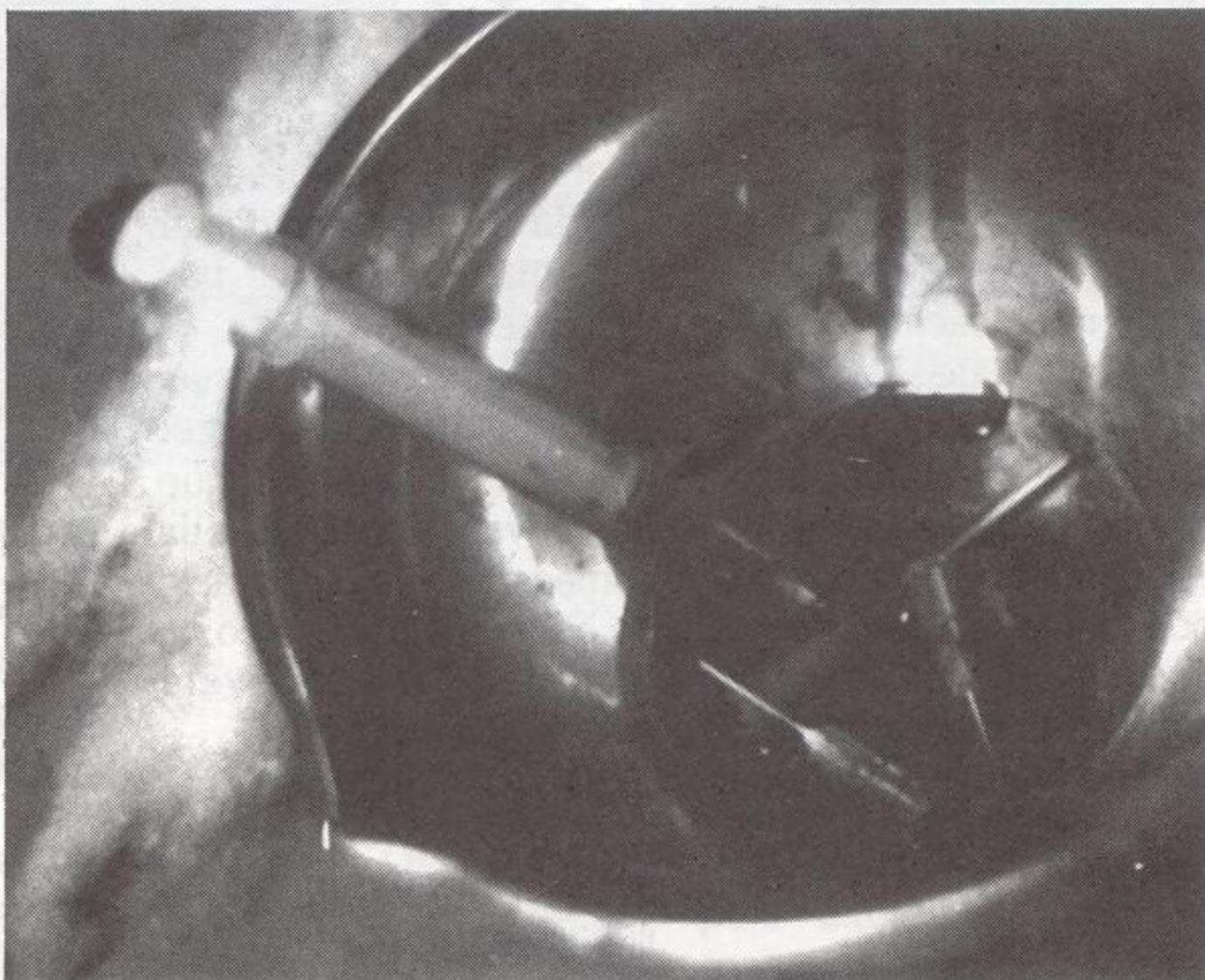
A reforma educativa está a chegar? Quem de nós a conhece? O que é que pensamos dela? Qual a nossa colaboração na abertura que a escola pretende fazer à sociedade?

O tipo de relação que existe entre dirigentes e elementos do escutismo é uma relação privilegiada, assente no diálogo, companheirismo e "à-vontade". Enquanto grupo, conhecemos melhor que ninguém os interesses, as aspirações e as motivações dos jovens. No escutismo eles não são avaliados e por isso revelam

mais de si mesmos.

Pretendendo-se que a escola deixe de ser apenas um local onde "se dão aulas" para ser um espaço de criatividade, dinamismo e relação com a sociedade, os dirigentes têm uma palavra a dizer e caminhos a propôr.

De qualquer modo o intercâmbio escutismo-escola lucra nos dois sentidos. Se o conhecimento dos alunos fora da escola ajuda a melhorar o funcionamento dentro desta, o conhecimento do aluno na escola vão dar directivas para actividades a desenvolver no



agrupamento.

Como exemplo, os alunos do 7º ano de escolaridade: os professores têm como maior queixa a falta de atenção e conhecimento dos alunos, enquanto na vivência escutista, é nesta idade que se desenvolve a concentração e atenção em

jogos de pista e do Kim.

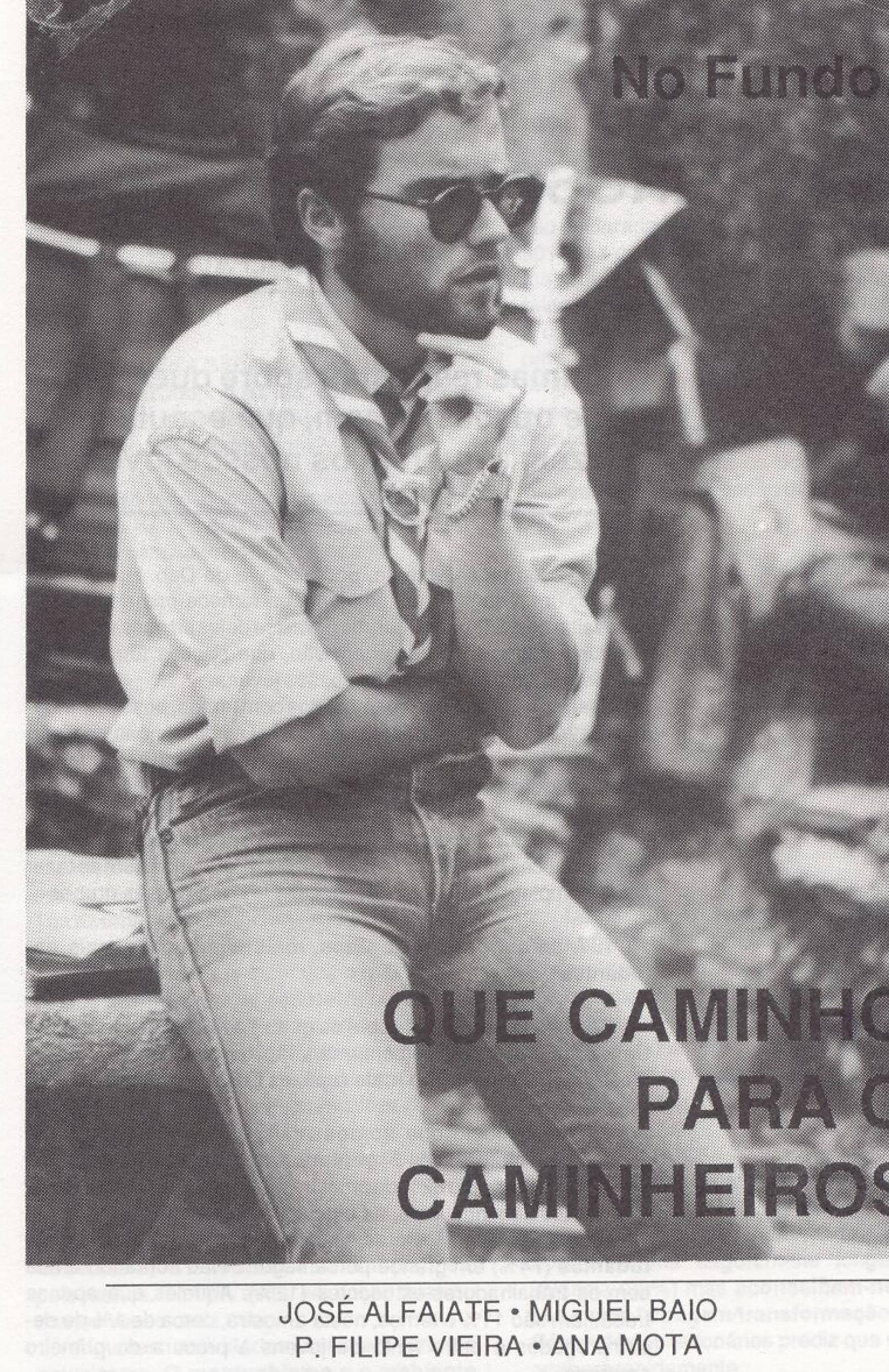
É urgente deixar de dizermos que somos para passarmos a sê-lo.

No *Mente* nº 15 - Março 88, num artigo sobre o posicionamento político de associação, expressamos as nossas esperanças numa das áreas prioritárias do programa eleitoral da Lista que virá a ser Junta Central. Era ela: Dinamizar a Associação, a todos os níveis, para um maior envolvimento nas questões de carácter social (sistema educativo), primeiro em-

prego, impacto das novas tecnologias, associativismo juvenil, ambiente, marginalidade, qualidade de vida entre outras)".

Na altura acrescentámos "Vamos lá ver se é desta"!

Afinal não foi!



No Fundo...

QUE CAMINHOS PARA OS CAMINHEIROS?

JOSÉ ALFAIATE • MIGUEL BAIO
P. FILIPE VIEIRA • ANA MOTA

QUE CAMINHOS PARA OS CAMINHEIROS?

ZÉ ALFAIATE

Algumas respostas sobre quem são, que opções tomam, que escutismo fazem e querem os nossos jovens

Realizado recentemente, por iniciativa do Dep. Nac. da IV^a Secção, um inquérito aos caminheiros fornece-nos dados que necessitarão de trabalho aturado para que deles se possam extrair conclusões firmes sobre quem são, que opções tomam, que escutismo fazem e querem os nossos jovens.

Essa análise terá que ser realizada com tempo, possibilitando-se, através dela, descobrir (se as houver) as diferenças de visão e opção entre caminheiros da cidade e da aldeia, entre estudantes e trabalhadores, entre rapazes e raparigas, entre os de Braga e os do Algarve, etc.

Para já o que se pode aqui apresentar é um breve sumário das características gerais dos nossos caminheiros, ainda sem se fazer a sua completa partição em grupos e a análise desses grupos.

1. A amostra: mais rapazes, mais citadinos e mais estudantes

São 244 os inquéritos sobre os quais se realiza este trabalho. Uma primeira olhadela (confirmá-la-ão os censos nacionais?) mostra que **temos muito mais rapazes** (172 = 70%) **que raparigas** (72 = 30%).

Parece também que **somos mais da cidade** (vivem em capitais de distrito 56 dos 244 entrevistados = 22% e nas cidades 99 = 40%, totalizando 62% da amostra total), nas vilas viverão 22% dos nossos caminheiros e, na aldeia, apenas 13%.

Dado interessante é o da situação profissional. **Somos estudantes** (74%) em grande percentagem. Não contando ainda com os trabalhadores-estudantes (12%). Aqueles que apenas trabalham são 11% e temos, nesta amostra, cerca de 1% de desempregados e outro tanto de jovens à procura do primeiro emprego.

Na idade, crescemos em número até aos 18/19 anos. Somos menos depois. É assim:

idade	nº de elementos
16	5
17	38
18	76
19	53
20	34
21	17
22	11
23	10

2. Passado e Situação Escutista - muitos com tarimba q.b., as comissões de serviço e um enigma: porque há tão poucos com 3/4 anos de escutismo?

Do passado escutista realça-se a permanência na IVª de muitos jovens com um **passado escuta longo**; eis o quadro:

nº de anos no escutismo	nº de elementos
1/2	42
3/4	18
5/6	63
7/8	32
9	89

Para além do facto acima realçado, um outro pormenor choca de imediato: o reduzidíssimo número de elementos que são escuteiros há 3/4 anos. Porquê tão poucos? Talvez uma análise detalhada do perfil de cada um deles nos dê, mais tarde, uma resposta.

Desde já se pode dizer que a maior parte destes caminheiros **foi escuteira numa das outras secções (93%)**. Hoje estão nos **clãs (60%)**; mas também, significativamente, nas comissões de serviço (14%) ou acumulando o trabalho de clã com essas comissões (26%).

3. Que actividade e com que intensidade?

65% realizam actividades **todos os fins de semana**; 18% três fins de semana por mês, pelo menos. Só 17% estão em acção duas ou menos vezes cada mês.

Algumas actividades suscitam grande entusiasmo. **O montanhismo e o ambiente**

Sobre o futuro do C.N.E. os nossos jovens auguram-lhe longa sobrevivência, mas aconselham-no a executar uma “viragem/transformação”

são declarados de muito interesse por mais de 50% dos caminheiros; seguem-se-lhes, com mais de 35% de aderentes entusiastas, as relações humanas, o pioneirismo, a fotografia, a canoagem, o mergulho, o socorrismo e o património cultural. Curiosamente várias actividades são consideradas de nenhum interesse por mais de 15% dos caminheiros, com destaque para e paraquedismo e a asa delta (20%) e, ainda, para os bombeiros, o radi-amadorismo, a animação da fé e os socorros a naufragos.

4. O que é, para ti, ser Caminheiro?
“A amizade da aventura e do serviço”.

Para responder à questão acima transcrita, o caminheiro devia escolher 3 de 10 campos de acção que se identificassem com a sua visão do escutismo.

Havia três campos obviamente identificados com a definição que o próprio B.P. deu do Caminheirismo:

- Fraternidade;
- Ar livre;
- Serviço.

Destes, **só o Serviço** foi escolhido por mais de metade dos caminheiros (62%); a Fraternidade, com 30% e o Ar Livre, com 25%, foram substituídos, nas preferências individuais, por palavras que lhes estão próximas: **Amizade - 50% e Aventura - 63%**. Na ordem dos 10% ficaram opções como pioneirismo, raid, (re)construção...

5. E o C.N.E.?

- É melhor mudar qualquer coisinha...

Inquiridos sobre o futuro do C.N.E. os nossos jovens auguram-lhe longa sobrevivência (39%) mas **aconselham-no a executar uma “viragem/transformação” (60%)**. Só um dos questionários prediz que o C.N.E. acabará rapidamente.

QUE CAMINHOS PARA OS CAMINHEIROS?

MIGUEL BAIO

Seremos mesmo uma fraternidade? Como definir o caminheirismo?

B.P. definiu o caminheirismo como a *Fraternidade do ar livre e do serviço*. Será que somos mesmo uma fraternidade? Deverão as nossas actividades serem feitas ao ar livre? E as nossas acções deverão estar voltadas para o serviço? Será que este lema continua actual e nos diz alguma coisa?

Dando uma volta pelo C.N.E., facilmente damos conta que não existem muitos clãs a funcionar, que em muitos agrupamentos os caminheiros são absorvidos pelas comissões de serviço, não lhes sendo dado um espaço à vida em clã, que em muitos casos até não são bem vistos pois, diz-se, são geradores de instabilidade e perturbam a vida do Agrupamento.

Depois, as necessidades que actualmente vamos tendo de chefiar as nossas unidades, fazem com que os caminheiros passem rapidamente, ou imediatamente, para as comissões de serviço sendo-lhes negada a vivência em clã. Em muitos casos, são pau para toda a colher e recorre-se a eles não os deixando com tempo para as suas actividades, reuniões ou encontros. A formulação da fraternidade dificilmente se consegue atingir. O serviço é simplesmente encarado como a ajuda às outras secções e, ao ar livre, restam as actividades que vão organizando para as outras secções.

O caminheiro precisa de viver em clã. Necessita de sentir-se como um corpo, precisa de actividades que o juntem aos outros. É, assim, que vai construindo aquela ideia de fraternidade de que B.P. falava. Mas também não se pode pensar que o escutismo se esgota aos 17 anos e que o tempo de caminheiro é só de passagem entre o explorador sénior e o dirigente. Uma espécie de estágio no qual só ficam uns quantos, aqueles que podem e ou

querem continuar como dirigentes, ou seja, aqueles que, passando a etapa de comissão de serviço fazem a investidura de dirigente. Não se pode continuar a pensar que no clã e nos caminheiros não se faz nada, pois, na maior parte dos casos, nem se exige mesmo



nada para a investidura de caminheiro.

É necessário haver actividade, é necessário haver projectos e propostas, é indispensável haver progressão. Na idade do caminheiro ainda se podem, e dizem fazer, uma série de coisas, por isso, é necessário dar-lhes oportunidades para tal.

A proposta educativa, agora apresentada, aponta uma série de alternativas aos caminheiros. Apresenta-os como indivíduos dos quais se espera bastante. Considera-os como escuteiros de pleno direito para os quais são apresentadas actividades e propostas, para os quais existe um método de trabalho e um espaço místico mais actual, mais dinâmico e talvez mais exigente (um grande desafio), mas que mantém praticamente toda a forma de organização e simbologia.

O que é necessário é dar a devida importância ao caminheiro. A vida em clã é receita essencial para a formação do caminheiro. A sua passagem pelo caminheirismo será um culminar de toda a sua vivência pelas restantes secções. Será como que o apreender de tudo. Será mais técnico e como que um

prolongamento de tempo de sénior no início, cheio de actividade e acção e, depois, mais virado para os outros e para o serviço.

Será então, perto dos 22 anos, que o escutismo se esgotará para ele, pois já lhe forneceram tudo o que tinha para lhe dar. A formação integral do indivíduo já estava terminada e, então, ser-lhe-á dada a *Partida*, essa sim a última etapa do escutismo e, também, a mais importante. Com ela pretende-se dizer que o indivíduo está preparado para a sociedade, que é um Homem ou uma Mulher, que está preparado para viver os seus deveres de cristão e de cidadão no meio da comunidade. Que poderá ser um motor dessa mesma sociedade intervindo e colaborando para a transformar e para a melhorar - para tentar deixá-la um pouco melhor de que quando a encontrou.

Será então, e só nessa altura, que optará por continuar ou não ligado ao escutismo. Não se pretende que todo o caminheiro seja dirigente. É tão importante que ele seja dirigente no escutismo como responsável

em qualquer outro movimento lá fora, na sociedade, assumindo plenamente todas as tarefas que lhe foram confiadas. O importante é que não seja um ser indiferente, mas participativo e impulsionador.

Se pretende continuar ligado ao escutismo, será nessa altura que deverá começar a sua caminhada para dirigente e integrar-se, então, na chefia duma secção. Será agora, depois de completamente formado, que poderá melhor

O caminheiro precisa de viver em clã. (.....)
É, assim, que vai construindo aquela ideia de fraternidade de que B.P. falava. Mas também não se pode pensar que o escutismo se esgota aos 17 anos

dar-se aos outros. Não se cansará facilmente, como aquele que terminado o seu tempo de sénior começa logo em comissão de serviço, pois fez uma opção clara e assumida. Não foi para a chefia dum secção obrigado por não haver dirigentes em número suficiente no seu agrupamento, nem foi para lá de uma forma leviana nem ponderada. Começou a sua caminhada para dirigente dum forma consciente, sentindo-se útil como tal.

Para um escutismo que se pretenda dinâmico e interveniente, em constante trans-

formação e cheio de força, é necessário que haja caminheiros que vivam o caminheirismo, que façam muitas actividades e se preparem para darem-se aos outros, que se encontrem e formem um corpo. Que no fundo formem uma autêntica fraternidade de ar livre e de serviço. Para isso, é necessário acabar com as comissões de serviço, pegar nas propostas e projectos que lhe são oferecidas para que as possam viver. Propostas parece que já temos. Vontade de as pôr em prática só depende de nós mesmos.

QUE CAMINHOS PARA OS CAMINHEIROS?

P. FILIPE VIEIRA

Que ideal para o caminho?

O tempo pascal, - verdadeira primavera espiritual, - é por excelência a quadra ajustada ao aprofundamento da nova mentalidade, da vida nova, como IDEAL para o CAMINHO.

É pela regeneração do baptismo que se opera a libertação do fermento do homem velho.

É pelo baptismo que se opera a entrada na novidade de vida do povo de Deus, já que aprouve a Deus dar-nos a salvação não individualmente mas constituídos em povo.

Se quisermos enumerar sinteticamente os elementos estruturantes deste novo povo que somos nós, melhor não podemos encontrar que o enunciado na Lumen Gentium nº 9:

- tem por cabeça, Cristo
- tem por condição a dignidade e liberdade dos filhos de Deus, movidos interiormente pelo Espírito Santo renovador.
- tem por lei o mandamento novo do amor
- tem por fim o Reino de Deus, começado já na terra e em

contínuo desenvolvimento.

Resgatado por Cristo da escravatura do pecado do Velho Adão e tornado nova criatura o homem pode e deve amar as coisas criadas por Deus. (Gandium et Spes, nº 37)

Por um lado, inserido nas realidades divinas, não pode alhear-se do mundo, nem ficar indiferente aos esforços de construção da justiça e da paz.

Mas inserido nas realidades da terra não pode confinar nesta os seus horizontes, esquecido do sentido último do homem e do mundo.

Homem novo e artífice de uma nova humanidade, é na superação da ética individualista pela prática do mandamento do amor, (G. et S., nº 30), que busca o Reino de Deus ocupando-se das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus, como vocação própria de leigo (L.G., nº 31).

Externamente nada o distingue, mas animado pela vida nova que lhe é comunicada por Cristo, põe em tudo uma alma nova, uma outra intenção, uma dimensão transcendente.

Estudar, para ele, não é apenas procurar o diploma ou os conhecimentos que possibilitem

uma vida "melhor"; é pegar responsabilmente na própria vida como dom de Deus e desenvolvê-la desveladamente, fazendo render os talentos recebidos.

Amar, para ele, não é apenas ligar-se a outrem afectivamente; é envolver-se total e definitivamente num projecto de comunidade de vida, em associação com Deus, assumindo o amor conjugal no amor divino. (G. et S., nº 48)

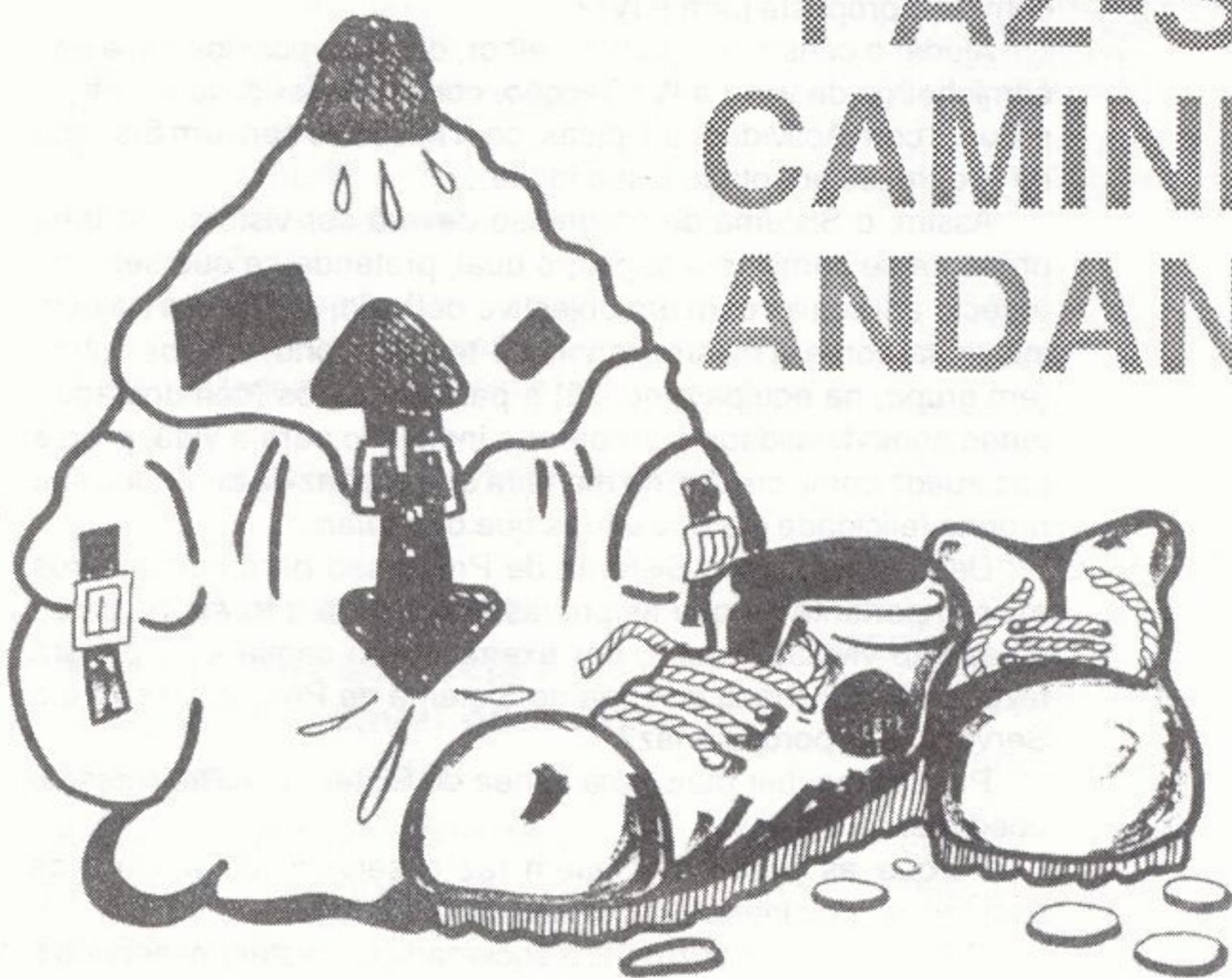
Para o homem novo, todo o amor é caridade.

O homem novo não se distingue por um género de vida especial, mas por uma maneira de viver que aos olhos dos outros é incompreensível, porque é mistério e por isso mesmo é anúncio.

É aceitando o desafio do dinamismo que decorre desta tensão de estar no mundo sem ser do mundo, que o homem novo vai vivendo na fé e na esperança, - mas desde já e na alegria, - a libertação de ter um sentido para a vida.

O ALELUIA que é hoje cântico do caminho, será amanhã o hino da Pátria. (Etº Agostinho)

FAZ-SE CAMINHO ANDANDO



QUE CAMINHOS PARA OS CAMINHEIROS?

ANA MOTA

Sistema de Progresso... progredir... como e para quê?

Para que me interessa progredir? Já me estão a chatear outra vez com teorias, a pregar secas... Se eu já fiz (ou estou prestes a fazer) os 18 anos, já sou independente, adulto, não preciso para nada dos sistema de progresso, ... isso é bom é para os putos... para os lobitos, juniores e vá lá, para os seniores, agora também para os caminheiros!? ... Devem estar malucos...

Mas, afinal o que se pretende com o sistema de progresso e com esta proposta para a IV^a?

Ajudar a construir uma IV^a melhor, dando a possibilidade aos caminheiros de viver a IV^a Secção, como uma secção escutista própria, com Actividades Típicas, com Mística e com um Sistema de Progresso adaptado à sua idade...

Assim, o Sistema de progresso deverá ser visto como uma proposta de caminho a seguir, o qual, pretende-se que seja um trajecto agradável com um objectivo definido, isto é, um trajecto individual sobre si mesmo (conhece-te a ti próprio) com os outros (em grupo, na equipa e no clã) e para os outros (comunidade), tendo como finalidade o preparar o indivíduo para a vida, para a sociedade como cristão, de maneira a ser capaz de contruir a sua própria felicidade e a dos outros que o rodeiam.

Deste modo, num Sistema de Progresso para caminheiros mais importante do que as provas em si, será a forma de como estas são vividas. Assim, por exemplo, um caminheiro poderá fazer uma actividade inserida no Sistema de Progresso sobre o Serviço, mas porque o faz?

Para preencher mais uma alínea do Sistema de Progresso e obedecer ao chefe...

Porque as pessoas a quem faz o serviço até ajudam os escuteiros... ou interessa de alguma forma fazê-lo...

Porque quer ser bom / útil à sociedade e prestar um serviço é

importante...

Porque...

Porque a partir (ou não) das regras / normas da sociedade (e do Sistema de Progresso) o caminheiro cria os seus próprios princípios e se pensa ser importante para si e para os outros realizar o serviço, fá-lo.

O S.P. proposto é composto por uma fase inicial de adesão à secção e / ou ao movimento e por três etapas de progresso, em que cada uma terá a duração de um ano aproximadamente. Deste modo a Autonomia - primeiro ano, é a etapa do saber, do conhecer sobre si próprio e sobre o que o rodeia; Responsabilidade - segundo ano, tem como fim o fazer, fazer coisas com os outros e para os outros; por último, a Animação e Liderança será o fazer, fazer com os outros.

Cada item do S.P. não deverá cair de "paraquedas" na vida do caminheiro, mas ser integrado na etapa respectiva, bem como nas caminhadas a realizar ao longo do ano.

Assim, as propostas de actividade inseridas num S.P. para caminheiros deverão ser flexíveis, permitindo que cada indivíduo faça o seu desenvolvimento ao longo deste, da forma própria e específica de cada um. Também deverá haver uma continuidade entre a Organização, Mística, Pedagogia da Fé e S.P. de forma a que toda a proposta seja encarada como um único documento.

Será que o S.P. apresentado vai de encontro àquilo que quero?

Se não, porquê?

Em que será possível mudar, ou como completá-lo?

Mentes a pensar!...

Vamos fazer uma IVª melhor!

Em que todos os caminheiros façam aquilo que gostam!...

E possam fazer o seu caminho, andando...

Que o sistema de progresso seja um trajecto agradável com um objectivo definido, tendo como finalidade preparar o indivíduo para a vida...

ONDE NASCI?
ONDE FICA O MEU LAR?
PERGUNTAS HA QUE, CREIO, FICARÃO SEM RESPOSTA.
MAS NÃO FAZ MAL.
IMPORTA, SIM, AQUILO QUE SOU.
COMO CRESCO.
QUE BUSCO EM MINHA VIDA.

VOU APRESENTAR-ME
RECORDANDO.

NO INÍCIO TUDO ME ERA ESTRANHO.
ERA UM PONTO APENAS NO UNIVERSO.
AO PRINCÍPIO FOI ATERRADOR.
O ESTAR SÓ, NUM COSMOS ONDE,
TEMPO E ESPAÇO,
PARECIAM DEMASIADO GRANDES
PARA QUE NELES ME PUDESSE PROJEC-
TAR COM TODO O MEU SER.

INCONSCIENTEMENTE,
CREIO QUE ME VIREI PARA MIM MESMO.
PRIMEIRO, PRECISAVA DE CONHECER-ME.
BUSCAR PRIMEIRO DENTRO DE MIM, AQUILO QUE
PROCURAVA NO UNIVERSO QUE AINDA ME
ERA EXTERIOR.

APRENDI A ACEITAR-ME TAL COMO ERA.
APRENDI A AMAR AQUILO QUE EM MIM
ERA ESPONTANEO.

É ÓPTIMO SENTIRMO-NOS BEM
CONNOSCO MESMOS.

QUANDO ISSO ACONTECEU,
FOI TEMPO DE PARTIR,
DESCOBRIR OS OUTROS.

VIAJEI.
FUI LUZ E ENERGIA PURA
NO COMEÇO DOS TEMPOS.
FUI POEIRA INTERESTELAR
QUE GEROU SISTEMAS SOLARES VIBRAN-
TES DE VIDA.
FUI MOLECULA DE GÁS NA CAUDA DE UM
COMETA, VAGUEANDO ERRANTE
PELO COSMOS.

NÃO FALO DE SONHOS.
TÃO POUCO DE FANTASIAS LOUCAS.
FALO TÃO SOMENTE DO MEU NASCIMENTO
COMO INDIVÍDUO.

INDIVÍDUO QUE AGORA PARTE À DE-
SCOBERTA.
INDIVÍDUO QUE BUSCOU, E ENCONTROU,
UM PROJECTO DE VIDA PARA REALIZAR.

QUERO AGRADECER-TE, SENHOR, O TERES-
ME CRIADO.
QUERO AGRADECER-TE A VIDA QUE ME
DESTE.
O OBJECTIVO QUE ENCONTREI.
O MEU DESTINO, QUE ME DESTE A LIBER-
DADE
DE ESCOLHER E TRAÇAR.

PORQUE SÓ SENDO, PODEREI AMAR,
SÓ TENDO, PODEREI PARTILHAR,
OBRIGADO POR TUDO SENHOR.

QUE CAMINHOS PARA OS CAMINHEIROS?

Opiniões do Chefe do Departamento Nacional da IVª Secção

MIGUEL BAIO

Nota Biográfica

Promessa de Júnior em 74 e de Dirigente em 85. Chefe de Alcateia, do Grupo Sénior, de Clã. Membro do Dep. Reg. da IVª Secção entre 82/86. Participou no ROVER IBÉRICO. Cavaleiro da Pátria. Chefe da delegação do CNE ao ECOCAMP em 87 na Bélgica. Possuidor do CAP da IVª Secção. Fundador do Jornal Mente. Chefe de Clã no ACANAC de Bagunte. Representou o Agr. 358 no protocolo de gemação com um Agr. na Alemanha. Representou o CNE no Seminário sobre Zonas Húmidas. Integrou uma equipa de representantes do CNE no Seminário do Direiro à Informação do Cidadão ao Ambiente. Frequentou o Curso de Educação Ambiental para formadores promovido pelo DNF.

Queríamos entrevistar o Chefe do Departamento Nacional da IVª Secção. Ligamos o gravador (parecia uma entrevista a sério!) e a conversa correu, como é normal entre amigos. Descobrimos que afinal, o nosso entrevistado não tem, oficialmente, o cargo que esperávamos; isto é, foi abordado e convidado pelas altas instâncias mas nunca nomeado oficialmente, embora assegure as tarefas que tal função exige (Típico...). Bem, esta explicação permitiu que a entrevista chegasse ao fim apesar da opinião de alguns de nós mais modestos: é que ficava mal entrevistar alguém "da casa". Como os leitores podem testemunhar, não lhe demos sossego. Quanto mais não seja para salvaguardar a nossa imparciali-



dade. É que pertencer ao "Mente" tem as suas responsabilidades. O entrevistado que o diga.

Mente: Montanhista, objector, ambientalista, antiregulamentalista, inconformista... Como é que um perfil destes aceita a chefia do Departamento Nacional da IVª?

Miguel Baio: Devia poder pensar meia hora em cada pergunta (risos...) (+ risos) Bem, primeiro, defendendo o caminheirismo; segundo, o caminheiro é um contestatário por natureza e deve sê-lo. Portanto não me custou muito aceitar o cargo. Aliás, eu não sei se sou chefe do Departamento Nacional da IV. Fui abordado nesse sentido, aceitei trabalhar com os caminheiros, mas não fui ainda nomeado em Ordem de Serviço.

O que eu sinto é que se deve dar oportunidade aos caminheiros de usarem o espaço que possuem. Acredito que os caminheiros podem fazer coisas a nível nacional e neste momento não o fazem. No que eu puder ajudar...

Mente: Não te sentes inseguro por desempenhares um cargo para o qual não foste ainda nomeado? Não tens medo de ser criticado?

Mi: Como tenho duas boas equipas por trás, com pessoas com que gosto de trabalhar e que têm o mesmo ideal de Caminheirismo do que eu, não me posso sentir inseguro.

Mente: Miguel, qual é o teu posicionamento perante três hipotéticas propostas educativas para a IVª Secção, depois de um longo jejum?

Mi: Só poderemos verdadeiramente falar numa Proposta Educativa. A proposta que nós temos trabalhado foi a proposta original, aquela que começou a ser elaborada em 85. Entretanto, Setúbal vendo o vazio que havia, o deserto que havia a nível da IVª Secção, resolveu fazer uma nova Proposta.

Mente: Mas sabia que vocês estavam a trabalhar nisso, ou não?

Mi: Eu não sei se saberia, mas de qualquer das maneiras resolveu avançar ela própria [Setúbal]. Agora, aquilo que nós temos neste momento é a proposta que saiu das Jornadas Pedagógicas Nacionais; e é nisso que nós estamos a trabalhar; é a que irá ser apresentada a nível nacional.

Mente: Mas como definitiva ou sujeita a rectificações?

Mi: É claro que nada pode ser definitivo, agora...

Mente: Mas nestas próximas Jornadas Pedagógicas vai dar-se a aprovação definitiva da Proposta?

Mi: Espero que sim.

Mente: Remetendo-se para ulteriores jornadas a sua correcção? Isto não vai implicar que nos próximos 10 anos nunca mais se mexa nessa Proposta?

Mi: Eu penso que... oh pá! aquilo que uma proposta deve ser é completamente dinâmica, neste momento tem de acontecer é que quando as propostas forem a Conselho Nacional, e se o Conselho Nacional as quiser aprovar a coisa possa avançar e, logo a seguir, se possa começar a renovar e a remodelar o trabalho e a alterar os...

Mente: E tu acreditas que isso vai acontecer?

Mi: Se nós somos Movimento, temos que renovar; não podemos ficar estáticos; o CNE esteve não sei quantos anos, - 40 ou 50 anos p'raí - sempre com as mesmas Propostas Educativas; é tempo de renovar e de começar a trabalhar com uma certa dinâmica.

Mente: Mas, Miguel, esta dinâmica não poderá vir a ser tão exagerada que nós nunca mais conseguimos estabelecer definitivamente símbolos, peças do uniforme, cartões de progresso, etc, etc?

Mi: Acho que não. Acho que não podemos temer por esse aspecto. Aquilo que vai ser alterado não hão-de ser sempre coisas de fundo, hão-de ser é alguns pormenores. Não prevejo que quando se forem melhorar as propostas se esteja a alterar os símbolos todos os anos, ou de dois em dois anos... de maneira nenhuma! De qualquer das maneiras, na proposta da IVª, a nível da simbologia, praticamente não se altera nada.

Mente: Mas se atendermos ao passado

do CNE não foi isso que se verificou. Tu próprio disseste que durante 40 a 50 anos tivemos as mesmas propostas pedagógicas. Nós fizemos a revisão do Regulamento Geral, que ficou completa em 1985, e a partir daí nunca mais se mexeu no Regulamento Geral, inclusivé nem se pensa em tal "porque foi revisto há muito pouco tempo". Quer dizer, está-se à espera que "amadureça" antes de se pensar em fazer uma revisão. Será que não vai acontecer o mesmo a estas propostas só daqui a 40 anos é que se vai pensar em renová-las?

Mi: Acho que não. Sei lá, talvez tenhas razão, mas o CNE também vai ter de se renovar, e vai ter de acompanhar toda uma série de evoluções... nós não podemos saber o que é que se vai passar daqui a 10 anos...

Mente: Isso é que me preocupa mais; é que essas modificações foram impostas do exterior. Não foi o CNE que se quis renovar; cedeu à pressão da sociedade. Ou seja, ele por si mesmo não mudaria. Será que agora que tem estas propostas não se vai recusar a limar-lhes as arestas?

Mi: Eu julgo que sim, pá. Há 4 ou 5 anos atrás houve o Congresso CNE 2000 em que se tentou renovar tudo e se tentou definir os caminhos que o CNE devia seguir...

Mente: E quais foram os resultados desse Congresso?

Mi: Oh pá, na altura foram bastante positivos.

Mente: Mas não foram divulgados à Associação?

Mi: Não sei, a Associação pode ter estado fechada a esses resultados.

Mente: Na altura estava bastante receptivo a eles e nunca os vi...

Mi: Eras sénior...

Mente: Caminheiro! Mas isso não quer dizer nada. Achas que um sénior não pode ter uma opinião própria sobre o CNE?

Mi: Isso depende da sua actividade. Salvo raras excepções. Em que tu te incluis (risos).

Mente: Afinal, quem é que foram os autores da Proposta Pedagógica da IVª?

Mi: A PP surgiu em 85, em Braga, elaborada pelo Rodrigo Amaral e a sua equipa, que eram o Dep. Nac. da IVª nessa altura, e básicamente foram eles que fizeram a proposta toda. Agora, demorou bastante tempo a vir cá para fora; entretanto, muitos textos foram perdidos; o João Paulo Feijoo também esteve em Braga a trabalhar sobre isso... os textos andaram montes de tempo perdidos e não foram divulgados em tempo certo. Tentou-se apanhar aquilo que estava feito e a Proposta surgiu, tendo em conta todos esses textos que já estavam feitos.

Mente: Digamos que o vosso trabalho de agora foi fazer a colectânea dos textos que existiam e dar-lhes uma ordem e um arranjo?

Mi: Foi mais um compilar de dados, sim, e tentar ver o que é que poderia ser melhorado naquilo tudo e se haveria algumas alterações que pudessem ser feitas... foi isso.

Mente: Mas algumas alterações há-de ter em relação à proposta dessa equipa inicial. Aparece agora, paralelamente, uma Proposta nova, elaborada por esses primeiros autores que é diferente, pelo menos em alguns pontos daquela que é considerada a oficial... é porque houve aí alguma coisa...



Mi: Oh pá! essa proposta não existe!...

Mente: Qual, qual, qual?

Mi: A proposta de que estás a falar (risos)

Mente: Uma que chegou até nós, que está aqui nas mãos do Zé? (risos)

Mi: Mas não existe.

Mente: Isto não existe? Queres-me convencer que este livro não existe?

Mi: Oh pá, existia há um ano atrás. Existia e tinha toda a razão de ser. Hoje... não existe.

Mente: Só por causa de ir dar trabalho?

Desculpa, está aqui a dizer o seguinte sobre a autoria deste livro: "Documento produzido no âmbito da Div. Pedagógica Nacional em 84-88, por Rodrigo Amaral, P^º Abílio Maris, João Paulo Feijoo e Carlos Alberto Pereira". Isto há-de existir!

Mi: Sim, agora repara, quando as pessoas que fizeram isso não o divulgaram oportunamente; quando houve uma série de tempo

que os caminheiros estiveram sem..., sei lá, repara: quem foram os perdedores de todo este processo? - foram os caminheiros, mais ninguém; não foi a Junta Central, não foram os autores desta proposta... Os perdedores foram os caminheiros, que não tiveram acesso a uma proposta educativa bastante válida, que eram...

Mente: A política perdeu os caminheiros?

Mi: Eu não sei se foi a política se o que é que foi. Há aqui razões que eu nunca consegui entender e não sei se alguém, algum dia conseguirá descobrir os porquês. Eu tenho a impressão que as próprias pessoas que fizeram esta proposta também não devem conseguir

saber porque é que ela demorou tanto tempo a ser divulgada; o que eu sei é que em 85 ela era a mais adiantada de todas; quando a Junta Central foi eleita era também aquela que eles pensavam poder divulgar mais rapidamente. E o que é certo é que só 3 anos depois ela aparece... depois de terem sido feitos uma série de contactos com essas pessoas de maneira a que ela saísse cá para fora em tempo oportuno... e só agora...

Mente: Miguel, mas tu, que estás por dentro das diversas situações, dos diversos confrontos que se passam no CNE a nível institucional, colocas esta Proposta, ou melhor, estas 3 Propostas e o aparecimento quase simultâneo das 3, em que perspectiva em função de uma guerra latente que parece haver nas estruturas do CNE?

Mi: É claro que estamos em tempo de eleições, o que faz com que as pessoas

se mexam mais um bocado do que aquilo que se mexiam dantes... E depois a nossa equipa começou a compilar e a procurar os textos que já existiam, o que, se calhar, levou a que pudessem pensar: "Eh pá!, afinal aqueles gajos tão a pegar num trabalho que fomos nós que fizemos!" Não; o que nós quisemos foi divulgar aquilo que se estava a fazer a nível do CNE, ou aquilo de bom que tinha sido feito no CNE. E o problema foi mais esse. O facto de ter aparecido também uma Proposta de Setúbal, oh pá!, Setúbal sentiu que poderia fazer alguma coisa pelo CNE a nível nacional e, pronto, trabalhou na sua proposta, divulgou-a aos seus caminheiros, e fez com que ela saísse.

Mente: Não respondeste bem. As pessoas sentem que podem fazer alguma coisa pelo CNE, ou sentem que está na altura de aparecerem porque há eleições à porta?

Mi: É natural que tudo isto faça com que as

peças se mexam e apareçam. Eu tenho a impressão que a nível da proposta da IV^a, foi mais o sentir que os outros estão a pegar na nossa proposta, e foi o melindre da parte delas que originou este "forcing" para que a Proposta saísse nestes últimos tempos. Deve ter sido isso...

Mente: Mas em que medida é que será justo uma das propostas ser considerada a "correcta" e que as outras duas não... "não existam"? Põe-se ou não a hipótese de melhorar a "versão oficial", quer a partir das 2 alternativas que apareceram, quer de eventuais novas propostas que surjam... ou, porque não adoptar uma das outras? Porquê a "oficial"?

Mi: Olhando para a proposta que nós temos neste momento, eu considero-a bastante positiva, bastante válida. Ela não vai contra nada do que foi aprovado; em linhas gerais não vai contra nada daquilo que Braga, e o Rodrigo Amaral e o Pde Abílio e o João Feijoo e o Carlos Alberto fizeram, por isso não vejo que haja mal nenhum na nossa proposta. A única modificação saiu das Jornadas Pedagógicas; nelas julgou-se que o Sistema de Progresso devia ser igual para todas as secções, que não devia haver 4 áreas mas sim 10 áreas, que devia haver provas obrigatórias e provas facultativas, e foi essa a grande alteração de fundo em relação à proposta. mas esse não é um trabalho da nossa equipa, nem da Junta Central; é um trabalho das Jornadas Pedagógicas.

Mente: E ao que parece é essa parte da proposta que está a levantar mais polémicas...

Mi: Eu não sei se é a mais polémica ou se não é a mais polémica...

Mente: Não achas que esta proposta devia ter um pouco mais de debate? Todas as outras tiveram pelo menos um ano de experiência, esta não tem nada..., vai ser aprovada, em princípio este Verão, sem os chefes de clã terem sequer conhecimento dela neste momento. Isto não devia ter sido tudo debatido a nível nacional, no sentido de procurar um consenso nacional?

Mi: Oh pá, maior debate que o Encontro Nacional de Caminheiros... O Encontro vai fazer com que esta proposta seja muito mais debatida a nível nacional que qualquer uma das outras. Aliás, o debate que surgiu das outras propostas também não chegou às estruturas. Ficou nas bases. Eu sei que houve muitos Agrupamentos a aplicar as propostas mas não acredito, ou melhor, não tenho conhecimento de que os resultados tenham chegado às estruturas; e por isso, o debate se o houve, ficou pelas bases.

Mente: Quer dizer que as opiniões dos chefes de Secção que trabalharam com essas propostas, e que foram enviadas para Lisboa, foram simplesmente para o caixote do lixo?

Mi: É que não foram para Lisboa. A maior parte delas ficaram nas regiões. Houve Jornadas pedagógicas a nível nacional e depois houve debate a nível regional e, em relação a estes, eu não posso dizer que tenham sido conduzidos da melhor forma, porque não o foram... oh pá!, nós perdemos muita coisa pelo caminho...

Mente: Nós perdemos tudo pelo caminho, segundo aquilo que estás a dizer. Nada voltou para trás, não há qualquer "feedback" por parte da Associação.

Mi: O "feedback" que tivemos foi, efectivamente, bastante reduzido.

Mente: Mas tem sido procurado?

Mi: Eu vou-te dar um exemplo do que é que se passou nas Jornadas pedagógicas de Coimbra e o que é que se passou depois nas J. P. Nacionais. Nas J. P. de Coimbra, nas quais participei, houve uma série de debates, houve uma série de coisas que foram faladas e sugestões para melhoramento das propostas. Essas sugestões tiveram de ser arrancadas a ferros e tiradas fotocópias, porque senão não chegavam lá abaixo.

Mente: Mas chegaram...

Mi: Chegaram porque eu tinha estado num dos grupos de trabalho em que tínhamos debatido coisas...

Mente: Quer dizer que a própria J. R. de Coimbra não levou essas propostas às Jornadas Nacionais?

Mi: Tinha lá tudo, mas não o apresentou logo de início. Apresentou depois. Os grupos de trabalho começaram a trabalhar, sem elas.

Mente: E essas propostas foram consideradas pelas Jornadas Nacionais?

Mi: Algumas. Também havia propostas de outras Regiões e não se pode deixar que seja só uma a dominar a questão.

Mente: Mas então essas propostas foram discutidas, houve uma aceitação?

Mi: Aquilo que eu senti nas J. P. é que não houve debate. O que aconteceu foi que as pessoas levaram o trabalho para casa, pensaram elas próprias e voltaram outra vez às 2^a J. P. com aquilo que pensaram, sem haver um grande debate a nível regional.

Mente: Afinal de contas, embora não tenhas sido nomeado, quais são as intenções, tuas e da equipa que te acompanha?

Mi: Das equipas...

Mente: Pois, quais são as intenções para o trabalho dos caminheiros, ou me-

Ihor, já há alguma ideia?

Mi: Bom, não!, em final de mandato não há muito mais coisas que se possam fazer. Aquilo que eu me propunha era mostrar que os caminheiros existiam, que não estavam esquecidos, que pelo facto de ainda não ter saído nenhum livro, nenhuma Proposta Educativa para a IVª Secção, eles não estavam esquecidos... era importante dar essa força aos caminheiros, dizer: "Vocês existem, alguém pensa em vocês". Há P. E. da IVª, há Encontro Nacional, há coisas que todos nós podemos fazer e vocês caminheiros podem fazer uma série de actividades e uma série de coisas giras. O importante era isto. E em final de mandato eu não posso fazer mais nada.

Mente: Estão a "gerir o património", a gerir o tempo que resta...

Mi: Sim...

Mente: Supõe tu que agora, no E.N.C., os caminheiros contestam uma parte desta proposta, ou a proposta em si. Isso vai alterar alguma coisa no futuro, na tua actuação neste fim de mandato?

Mi: Aquilo que é importante é que a proposta educativa seja debatida, que se possa mostrar aos caminheiros que podem fazer actividades e que deixem o mais depressa possível as Comissões de Serviço. Acho que um dos objectivos fundamentais da proposta é precisamente esse: que os caminheiros comecem a trabalhar no clã, como caminheiros e deixem de ser os "tapa-buracos" dos Agrupamentos.

Mente: Quais são para ti os principais defeitos do caminheirismo?

Mi: O maior defeito do caminheirismo, a nível nacional, é não haver caminheirismo. É os caminheiros fazerem Comissões de Serviço e não terem vida de clã; é os caminheiros estarem à frente das Secções e não terem actividades próprias.

Mente: E a quem é que compete dinamizar isso?

Mi: A todo o CNE em geral.

Mente: No sistema antigo, o que muitas vezes se defendia era que uma pessoa, ao chegar a caminheiro, já tinha passado a sua vida pelo Escutismo, depois tinha os seus anos de caminheiro em que vivia o caminheirismo, e com uma determinada idade, aos 23-24 anos deveria começar a dedicar-se às secções; às tais Comissões de Serviço. Nesta proposta, baixa-se a idade-limite do caminheirismo para os 22 anos. Não seria preferível, pura e simplesmente, acabar com as C. Serviço?

Mi: A proposta está toda virada para acabar com as C. Serviço. Quando se propõe que o caminheiro passe por 3 fases ou 3 etapas do

seu Sistema de Progresso estamos em princípio a impedir que o caminheiro faça C. Serviço. Ou pelo menos é nosso objectivo que o caminheiro comece a ter actividades, é nosso objectivo que o caminheiro deixe de fazer C. Serviço. Haverá uma fase depois, a seguir aos 22 anos (ou antes se ele terminar a sua progressão a nível da etapa da "animação e liderança") para se começar a trabalhar nas secções se se quiser continuar no escutismo.

Mente: Ou seja, só trabalha em Comissão de Serviço o caminheiro que completa o Sistema de Progresso?

Mi: Só deverá trabalhar em C. Serviço esse caminheiro.

Mente: Quando eras caminheiro fizeste C. Serviço?

Mi: Fiz. Tive de fazer. (risos).

Mente: Então, conhecendo o CNE como deves conhecer, achas que é exequível acabar com as C. Serviço?

Mi: Eu acho que é importante acabar com as C. Serviço. Eu acho que foi uma grande vitória já não sei bem qual foi o Nacional - acho que foi no Nacional 83 - quando se impediu que os caminheiros participassem no ACANAC em Serviço. A partir daí, julgo que é importante que a nível nacional se propagasse ideia. E no Nacional de 83 toda a gente era capaz de pensar que ia ser impossível fazer o acampamento estando os caminheiros só a trabalhar em clã; e ele correu e correu bastante bem...

Mente: Há quem diga (li numa revista) que o escutismo neste momento é pertinente em relação às Secções mais novas; que o imaginário da aventura e da descoberta e tudo mais continua a ser um chamariz para o pessoal mais novo, mas que para jovens mais velhos não existe praticamente nada a oferecer. Comenta:

Mi: Eu acho que há bastante a oferecer continua a haver.

Mente: Com todas as mudanças de hábitos e de comportamento que houve nas pessoas?

Mi: Se eu não acreditasse nisso não era escuteiro hoje.

Mente: Achas que isso da Fraternidade dos Ar Livre e do Serviço ainda diz alguma coisa?

Mi: Se há caminheiros é porque diz.

Mente: Não necessariamente. Os que existem são caminheiros nessa acepção da palavra?

Mi: Há muitos que podem não ser mas muitos outros são. É pegar nestes muitos que são...

Mente: Achas que há muitos que são?

Mi: Nós fomos.

Mente: Nós somos bem poucos... (risos).

Mi: Nós fomos e continuamos. E há uma série de gente a quem, se forem dadas as oportunidades que nós tivemos, ou que nós não deixámos escapar...

Mente: O grau de exigência que neste momento o pessoal mais novo sofre a nível de outras actividades, e não só a escola, é muitíssimo maior, penso eu, do que era naquele que tu chamas "o nosso tempo". E mais eu pelo menos quando era mais novo via muito poucas hipóteses de fazer, fora do escutismo, coisas que os escuteiros me proporcionavam; o que já não acontece hoje. A competição que hoje existe, mesmo a nível escolar, faz com que a concentração no escutismo seja muito diferente.

Mi: É claro que houve uma certa rotatividade a nível da sociedade, e houve uma série de coisas que foram alteradas, mas de qualquer das maneiras eu acho que o escutismo pode oferecer ainda muita coisa aos jovens, e pode oferecer uma série de campos e áreas de acção que eles não têm noutros lados.

Nos outros lados ele têm coisas específicas. No escutismo eles podem ter tudo. E têm a grande vantagem de poderem ser eles a

escolher as suas próprias actividades, e os seus caminhos.

Mente: Podem ter tudo, mas não o têm tão bem como nos outros lados...

Mi: A grande vantagem dos outros é que são especialistas em determinados campos. Pronto. Pode ser uma desvantagem para nós não sermos especialistas em nada, e fazermos um pouco de tudo, fazermos um pouco de montanha e fazermos um pouco de ambiente. Mas também pode ser uma vantagem. Oferecemos um leque muito mais variado de escolha.

Mente: Miguel, então se efectivamente esse grupo de indivíduos, de jovens, que se dedicam a uma única actividade, têm mais sucesso, desempenham melhor e atraem mais do que os escuteiros, porque é que não poderão os nossos clãs dedicar-se, cada um por si, a uma única especialidade, em vez de deixarem que cada um dos seus elementos se disperse em especialidades variadas, dificultando assim uma acção comum e concreta?

Mi: Eu não vejo mal nenhum que uma equipa se especialize num determinado assunto. Agora, acho que um clã tem uma riqueza... a maior riqueza do escutismo é a capacidade de abarcar indivíduos extremamente diferentes; e com indivíduos extrema-





mente diferentes é difícil todos terem os mesmos objectivos e as mesmas ideias. Por isso acho que tem todo o interesse tentarmos fazer as coisas o mais variadas possível.

Mente: Achas então que um clã não se deve especializar porque os indivíduos que lá estão não têm as mesmas ideias?

Mi: Um clã, em si, todo especialista em ambiente - apesar de eu gostar muito de todas as actividades viradas para o ambiente - está mal. Agora, que haja uma equipa especialista em ambiente, eh pá!, tudo bem. O que eu acho é que num clã as pessoas têm de ser variadas, têm de ser ricas e têm de ter objectivos bastante diferentes uns dos outros, de maneira que possa haver diversidade.

E quanto maior a diversidade mais rica será a actividade.

Mente: Qual é a ideia de fazer este Encontro Nacional de Caminheiros? Para além de debater a propostas da IVª, com que resultados é que ficavas satisfeito?

Mi: Desde que houvesse encontro, ou seja,

desde que as pessoas aparecessem, se encontrassem, formassem corpo, para mim, já ficava bastante contente. Desde que as pessoas sentissem que é possível fazer actividades, que as actividades que lhes são propostas as agarrassem, e que colaborassem nelas e que participassem, ficava contente. Se houver debate da proposta, se a proposta for enriquecida e crescer, ficava ainda mais contente.

Mente: E se não crescer, pelo contrário?

Mi: Se os caminheiros não quiserem nada com aquilo, é porque os caminheiros pensam, e têm força e têm opinião sobre os assuntos. Ficaria muito contente.

Mente: Ficavas contente de qualquer maneira!... (risos)

Mi: Para mim, só não ficaria contente... Oh pá!, se não houvesse participação, se não houvesse presença, se...

Mente: A presença em princípio está garantida. Estão pelo menos 400 caminheiros inscritos. Agora, como é que tu vais reagir se não os conseguires mobilizar?

Mi: Se houver uma indiferença de tal maneira grande a tudo o que for próprio, se os caminheiros forem lá e não participarem, nem formarem Encontro,

nem sequer fraternidade, aí ficarei triste.

Mente: Como é que um gajo é fundador e redactor do Mente há 4 anos e tal - o Mente, como sabes, é considerado, talvez um pouco erradamente, uma revista contestatária - como é que um redactor do Mente está integrado numa estrutura central, que teoricamente é uma das entidades criticadas? Como é que se concilia a Olívia Costureira com a Olívia Patroa?

E houve suspensões pelo meios e tudo... (risos)

Sim, sim, tu, com um passado vergonhoso! (+ risos)

Mi: Aquilo que eu posso dizer é que o facto de eu trabalhar nos Serviços Centrais não faz com que eu mude em nada a minha opinião; o problema é deles, que me escolheram, e me puseram a trabalhar na sua equipa...

Mente: Pois, pois, O Mente farta-se de trabalhar, tu dizes que é o Departamento, e nós é que somos os maus! Também está certo...

mentezada

JORGE LIMA

Entre Roma e a minha consciência, primeiro a minha consciência.

Assim fala certa pessoa, animal pensante e homem de sabedoria. E eis uma sentença que pode ser um excelente começo para falar de como falar de Fé em terra de escuteiros.

OCNE assume claramente a presença da Fé nos seus fundamentos e prática. A questão é: já sabemos como ensinar a sobreviver numa mata - mas como aprender a sobreviver na selva da vida, para um dia viver no Jardim do Éden?

Um lobito começa logo a ouvir falar nos Dogmas, nos Sacramentos, nos pecados mortais. Ouve os assistentes e, espere-se, também os escuteiros mais velhos. E obtém respostas. O problema surge quando as questões tomam contornos mais práticos, "porque não fumar um charro?"; "porque não dormimos juntos antes do casamento (provavelmente num acampamento)?"

Parece-me que o Escutismo, desde que praticado na sua essência, é um local privilegiado para, ensinada a doutrina, cultivar a auto-responsabilização.

Por exemplo, a pílula. A Igreja tem sobre isto uma posição habitualmente chamada de autoridade, por comparação com a posição de dogma que define a Imaculada Conceição de Maria, por exemplo.

Isso significa na prática que, apesar de hoje em dia, a Igreja se opôr sem apelo nem agravo ao seu uso, no futuro a sua posição poderá mudar. O mesmo se diga em relação ao celibato dos padres ou à ordenação de mulheres, por exemplo.

Dito isto, parece-me que seja qual for a opinião pessoal do formador, dizer a "Igreja proíbe" está proibido. Outra coisa é dizer que a pílula pode significar vulgarização pela facilidade de um acto que, dê o mundo as voltas que der, deverá ser sempre o ultimar de um amor a dois, livre e adultamente assumido. E *por isso e nesse contexto*, está errado. É o não, porque, e o "talvez" opostos ao "sim" porque sim".

Confie-se nos rapazes e raparigas. Dê-se-lhes ferramentas e linhas gerais, não manuais de instruções. Ensinar a pescar é melhor que dar-lhes latas de atum. Estamos a precisar de gente livre para libertar este mundo que nos puseram nas mãos. Do CNE já saíram bastantes e acho que podem sair ainda mais.



OS PAIS QUE SOSSEGEM! NÓS,
OS ESCUTEIROS DOS ANOS 80,
CHEGAMOS BEM PARA Pôr
UM BOCADO DE MORAL NOS
DIRIGENTES DOS ANOS 60!

mente

ZÉ ALFAIATE



Upa, upa!, vamos lá a dar mais um bocado de gaz à nossa campanha em prol da legalidade no C.N.E.. Havíamos, no número anterior, abordado as diversas interpretações do 1º artigo da lei e dado honestas, justas e bem-intencionadas achegas às formas de ler e usar correctamente aquele preceito. Legalidade repostada por esse lado, eis-nos de novo em campo (quixotesicamente?) para vos elucidar sobre o verdadeiro sentido e a sábia aplicação do 2º artigo:

“O escuta é leal”

Não menos suor nos trará fazer regressar a legalidade ao uso e ao entendimento deste artigo que aquele que o primeiro nos arrancou às fronteiras.

Pois comecemos:

O que é ser leal?

Vulgarmente *entende-se lealdade por fidelidade...* nos meus tempos de escola havia a história do “Fiel”, aquele cãozinho que o dono sabia que tinha ali ao lado, seguro, protector e bem-mandado...

O que é fiel é-o a alguém!

Não teríamos tido necessidade destas especificações se não existisse outro tipo de lealdade: é a do bom desportista, do político que diz a verdade mesmo que esta o enterre nas eleições... enfim, a de todo aquele que é incapaz de, em proveito próprio, ultrapassar uns princípios que lhe andam lá dentro da tola... é, resumidamente, a lealdade do “Tanso”.

O Tanso é um fanático dos “bons princípios”.

Ora, o nosso “escuta leal”, aquele que

bem cumpre o 2º mandamento, aquele que, por este lado, está inteiramente legal, é "Fiel" ou é "Tanso"?

Sendo que, na prática escutista do dia-a-dia, há dos dois, e sendo que, como abundantemente demonstrámos, não há duas maneiras boas de cumprir a lei, *qual deles está legal?*

Avaliemos o *Tanso*.

O *Tanso*, no nosso escutismo, é todo aquele que leu a lei e os princípios, fez a promessa exterior e interiormente, se informou sobre o método e, com tais predicados, tem a tosca obstinação de pretender que, com tamanhos ensinamentos, um bom escuteiro se basta para guiar os seus actos.

A sua máxima é: *eu faço isto assim porque aprendi que assim está certo!*

É *Tanso!*

Deveria ter aprendido alguma coisa mais... O quê? - Nada como um bom exemplo para ilustrar o assunto:

Tomemos um *Tanso Júnior*, num grande acampamento (regional ou nacional). Há um jogo de obstáculos a disputar por patrulhas e os Estorninhos precisam pontuar gordamente para saírem do mísero penúltimo lugar que ocupam na geral colectiva. O Chefe do Grupo, antes do jogo, educa:

"Vocês são a vergonha do Agrupamento. Ou ganham este jogo ou há missa cantada..."

Os Estorninhos, assim estimulados, metem-se a brios e é vê-los trepar cordas, rastejar, pular charcos, transpor pontes... o sucesso está à vista; as Orcas, que haviam saído á frente, aprestam-se a ser ultrapassadas pelo arreganho daquela passada. É então que, ao abalançar o franzino corpo a um salto mais arrojado, e com o espírito assombrado pelo chilrear que lhe vem no

encalço, o Orca Trapalhão tropeça no obstáculo, mergulhando num silvado sem que o resto da patrulha tome nota, tão embrenhada vai na competição. Esforço inútil: os Estorninhos, imparáveis, chegam primeiro...

O chefe que controla o jogo:

"Patrulha Estorninho... 5' 18"... deixem-me ver o registo: seis elementos... eh pá!, estão só cinco. O outro?... O tempo só se conta com a patrulha completa!"

Alaridos... onde se meteu o Estorninho Samaritano?... Vai-se já em 6 minutos... 6' 30"... 7... 7' 15"... o jogo por água abaixo... 7' 30"... ei-lo!... traz consigo o Orca Trapalhão...

*"Eh malta!, o gajo estava àrrasca... ..
... ..
... ..
... ..
....."*

A desgraça tem voz célere... O Chefe de Grupo espera à entrada de campo:

"Tinhas que ser tu... tanso!"

O *tanso* ainda refila... esboça argumentos... que o escuta é amigo dos outros escutas... e o Trapalhão ali, picadinho que nem um Cristo...

O tansinho!

Não percebeu nada, embora pareça saber muito. Não percebeu que ser leal não é ser *tanso*... é, de preferência, ser *fiel*.

Ser *fiel* é a gente ser corpo de uma cabeça só. Ser grupo forte. Ganhar porque se age em conjunto. Agir em conjunto porque se age como manda o Chefe...

E os cinco bons Estorninhos, *fiéis* ao ser Chefe, à noite, para o Samaritano:

"És um descalabro, meu!"

"E ficámos em últimos por tua causa... tanso!"

O *tanso* há-de emendar-se... Que o escutismo é educação pela acção...

"O escuta é (pois) leal", fielmente.

antropologia

ZÉ ALFAIATE

O que é isso de clã? Não falamos aqui no clã escutista mas na estrutura ancestral donde se adoptou a terminologia. A análise destes clãs pode ajudar-nos à construção da nossa própria noção específica de clã escutista e a determinar ou ilustrar símbolos, formas de relação, estruturas de chefia, cerimónias...

O clã nada mais é do que uma forma de parentesco algo distante da família nuclear que provoca o universo ocidental de hoje. É construído por um grupo de "parentes" que descendem, pela via masculina ou feminina, de um antecessor comum (os primeiros são os clãs patrilineares, os segundos os matrilineares); consideram-se irmãos ou irmãs e não podem casar entre si. Num clã patrilinear, todos os filhos pertencem somente ao clã de seu pai, ao qual, afinal, só os rapazes ficarão efectivamente ligados, pois, as raparigas terão que casar com indivíduos de outros clãs. Por vezes, o antecessor comum de um clã é uma figura que se perde na lonjura dos tempos. Os seus descendentes multiplicam-se e conhecem-se uns aos outros pelo nome de clã, embora seja difícil, a qualquer investigador, encontrar-lhes um tronco comum na árvore genealógica.

Num parentesco deste tipo, as relações familiares diferem das que conhecemos. Numa sociedade patrilinear, os jovens tratam comumente por "pai" todos os membros mais velhos com a idade de seu pai. Embora reconheçam a diferença entre o verdadeiro pai e os restantes, a sua atitude para com eles todos possui o mesmo grau de respeito e de veneração que dirige ao primeiro.

Uma relação deste tipo torna facilmente substituíveis os parentes directos que desaparecem, obviando aos inconvenientes da orfandade e do abandono.

O clã, sobrevivendo ao longo das décadas, dos séculos, torna-se, muito mais que a família, um *repositório de tradições*:

O *nome*, o *tótem*, a forma de vida e subsistência comuns e a normal habitação em comunidade. Daí, do clã, um grau de união muito forte.

O *tótem* existe, sob diferentes formas, em muitos clãs. O totemismo é uma relação especial entre o clã e um animal ou objecto. Tem a ver com as origens do clã e perpetua-se nas suas vestes, enfeites e acções.

Nas tribos australianas, por exemplo, os membros do clã dos cangurus não devendo comer o seu *tótem*, são, no entanto, responsáveis pelas cerimónias que, pensa-se, tornarão os cangurus uma abundante fonte de alimentos para os outros clãs.

Mais próximos de nós, os clãs escoceses usavam os seus *símbolos* (a vestimenta) com orgulho, os seus homens trabalhavam e guerreavam juntos e cada clã tinha um elevado *sentido de honra*.

Quando, em 1746, os clãs escoceses foram derrotados no campo de batalha, os seus soldados foram sepultados em grandes covas comuns; uma só sepultura para cada clã, e uma lápide: "Os MacDonald", "Os Mackintosh", ... Para quebrar a unidade e a tradição destes grupos, os ingleses proibiram-lhes o uso dos símbolos, inclusivamente dos saíotes distintivos, das gaitas de foles e das melodias próprias. Só depois de pensarem que a sua unidade e força estavam quebrados permitiram a reposição das tradições clânicas.

Este orgulho dos clãs escoceses poderá ter-lhes sido fatal naquela batalha de 1746, quando os MacDonald foram colocados à esquerda da linha de combate e não no lugar de honra, à direita, que tinham por seu. Conta-se que, nesse dia, o clã dos MacDonald ficou a dever a si próprio em valor de combate, afrontado que estava na sua honra...

O O que é isso de clã? A análise da terminologia pode ajudar-nos à construção da nossa própria noção específica de clã escutista e a determinar ou ilustrar símbolos, formas de relação, estruturas de chefia, cerimónias...

CLEMENTE



Júnior

BEM, VAMOS ENTÃO LÁ VER COMO VOS
CORRERAM AS PROVAS PARA DEIXAREM
DE SER LOBITOS E PASSAREM A
JÚNIORES ...



MUITO BEM!



SIM SENHOR!
NOS "TRINQUES"!

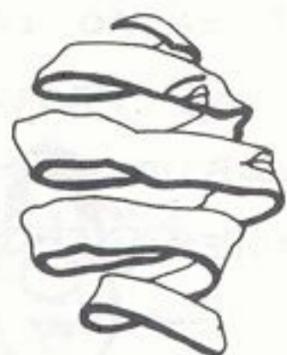


ITÁ BEM...



AI CLEMENTE, CLEMENTE...





mente

TRATAR A DIFERENÇA POR TU

CONSTRUTIVAMENTE...

IRREVERENTEMENTE...

PROFUNDAMENTE...

CRITICAMENTE...

INOVADORAMENTE...

EXCELENTEMENTE!

ASSINATURA DA REVISTA MENTE

NOME

MORADA

Assinatura anual (6 números) - 600\$00. A partir do nº

MENTE - APARTADO 3089 - 3000 COIMBRA